

DA ILUSTRAÇÃO BOURBÔNICA À ILUSTRAÇÃO REPUBLICANA: PROBLEMAS PARA O ESTUDO DA LITERATURA HISPANO-AMERICANA ENTRE OS SÉCULOS XVIII E XIX

From Bourbon Enlightenment to Republican Enlightenment: Aspects of the Study of Spanish-American Literature Between the 18th and 19th Centuries

Bruno Verneck

Doutor em Letras pela Universidade Federal de São Paulo. Professor Assistente no curso de Letras do IBILCE/UNESP.

E-mail: bruno.verneck@usp.br

ORCID iD: 0000-0002-6537-9096



RESUMO: A passagem do século XVIII ao XIX na América Hispânica recebeu especial atenção da historiografia interessada em pensar a crise do sistema colonial e a emergência dos projetos de emancipação política. Um dos problemas mais amplamente discutidos por esses trabalhos é a importância da circulação de textos da ilustração europeia no contexto das mudanças políticas profundas que deram origem a novos paradigmas culturais e científicos. Nesse sentido, o presente artigo tem por objetivo apresentar e discutir novo estudo da bibliografia teórico-crítica que se ocuparam do tema da Ilustração no entresséculos, revisando os parâmetros das historiografias literárias nacionalistas, ampliando seu escopo para pensar os sentidos diversos que as ideias ilustradas assumiram no período. Em seguida, revisamos duas obras representativas do período: para mostrar a inflexão particular que a ilustração setecentista conferiu aos discursos sobre a conquista da América, analisamos um fragmento do relato de viagem *Lazarillo de ciegos caminantes*, escrito pelo escritor espanhol Alonso Carrió de la Vandra, em 1773. Visando reler a inflexão produzida pelas independências e a revisão das ideias ilustradas pela primeira geração republicana, analisamos uma loa escrita por Camilo Henríquez em homenagem ao libertador chileno Bernardo O'Higgins, também revisando o legado colonial para vislumbrar o destino da pátria em construção.

Palavras-chave: Ilustração Hispano-Americana; Discursos da Conquista; Teatro Republicano.

ABSTRACT: The transition from the 18th to the 19th century in Hispanic America has received significant attention from historiography focused on analyzing the crisis of the colonial system and the emergence of political emancipation projects. One of the most widely discussed issues in these studies is the importance of the circulation of European Enlightenment texts in the context of profound political changes that gave rise to new cultural and scientific paradigms. In this regard, the present article aims to introduce and discuss recent studies in the theoretical-critical bibliography addressing the theme of Enlightenment during this transitional period, revisiting the parameters of nationalists' literary historiographies and expanding their scope to consider the diverse meanings that Enlightenment ideas assumed during this time. Subsequently, we review two representative works from the period: to illustrate the inflection that 18th-century

Enlightenment brought to discourses on the conquest of the Americas, we analyze a fragment of the travel account *Lazarillo de ciegos caminantes*, written by Spanish author Alonso Carrió de la Vandra in 1773. To reinterpret the inflection brought about by independence and the reinterpretation of Enlightenment ideas by the first republican generation, we analyze a *loa* written by Camilo Henríquez in honor of Chilean liberator Bernardo O'Higgins, also revisiting the colonial legacy to envision the destiny of the emerging nation.

Keywords: Spanish American Enlightenment; Conquest Discourses; Republican Theater.

O controverso vínculo entre ilustração e emancipação política mobilizou debates historiográficos intensos e deu lugar a controvérsias que ainda ganham espaço nos debates sobre os processos das Independências Hispano-Americanas. É certo que os liberais no alvorecer das Guerras de Independência buscaram vincular diretamente as ideias ilustradas com os processos independentistas. O prócer Mariano Moreno, por exemplo, escreveu em 1810 um prefácio à tradução do *Contrato Social* de Jean Jacques Rousseau no qual afirmava que o livro era “catecismo dos povos livres”, capaz de dissipar “as sombras com que o despotismo envolvia suas usurpações” (2009, p. 107).

Na esteira dos revolucionários franceses, que transformaram o mausoléu de Voltaire e Rousseau em mentores intelectuais da Revolução de 1789, os independentistas hispano-americanos conferiram, retoricamente, à filosofia ilustrada um poder de conscientização política. No entanto, essa vinculação estrita, construída já nos anos seguintes ao processo, coloca uma pergunta: as ideias fazem a revolução?

Na historiografia contemporânea, esta pergunta mobilizou historiadores interessados no contexto revolucionário francês. Roger Chartier em *As origens culturais da Revolução Francesa* (1990) e Robert Darnton em *Os Best-Sellers proibidos na França Pré-Revolucionária* (1995) buscaram repensar a vinculação entre as ideias ilustradas e a revolução na experiência revolucionária francesa. Para ambos, ainda que com algum ruído, a resposta não pode ser taxativa. Darnton abandona o Alto iluminismo e resolve centrar-se no que chama de “Subliteratos”, aqueles intelectuais da boêmia para quem a república das letras havia fechado as portas. Na literatura ressentida, pornográfica e até utópica desses subliteratos, o historiador estadunidense reconhece o germe de uma atitude contestadora que, para ele, diverge de um certo iluminismo acomodado nas franjas do absolutismo. Atuando segundo o que Darnton chama de simplificação radical, a literatura dos subliteratos “em vez de propiciar uma discussão séria dos negócios de Estado, fechou o debate, polarizou as opiniões e isolou o governo” (p. 262).

Chartier, por sua vez, observa que tanto o iluminismo quanto a revolução estão inscritos num processo mais amplo, reconhecendo um ambiente similar ao descrito por Darnton, que culminava na vexação da corte e na dessacralização do rei. Segundo Chartier, à política se “imputava todas as enfermidades sociais” e “escritores frustrados passaram a responsabilizar o rei, sua corte e seus ministros pelas suas vidas fracassadas” (p. 273). Assim, as cisões vão dando lugar a uma retórica ressentida que vai acompanhando as convulsões sociais e abrindo as fraturas definitivas do Antigo Regime.

Nesse sentido, os vínculos entre ilustração e revolução em perspectiva Atlântica puderam

ser repensados pela historiografia ao matizar a ligação direta construída, por exemplo, pelos letrados franceses no imediato período pós-revolucionário. Não se trata de conceber as ideias da ilustração, portanto, como o corte que rasgou definitivamente o véu do despotismo, mas entendê-las em um processo amplo do qual fazem parte de maneiras contraditórias. A revisão dessa relação, antes endógena para a historiografia liberal oitocentista, permite recolocar a questão para pensar como parte dessas ideias foram apropriadas pelo discurso revolucionário dos próceres da independência e com quais objetivos.

Não obstante, há outra dimensão do problema: a ilustração que antecederia o ano de 1808. Seria possível ler nesses textos um discurso insurgente ou as origens ilustradas da independência? A esse respeito, alguns autores manejaram o conceito de Ilustração Bourbônica. Trata-se de entender como as ideias ilustradas, especialmente a zona mais próxima da História Natural, estiveram a serviço dos interesses da coroa e atuaram justamente para defender os interesses do Império, modernizando suas estruturas de poder.

Karen Stolley inicia seu livro, *Domesticating Empire: enlightenment in Spanish America* (2013), abordando o apagamento do século XVIII nos estudos literários e culturais hispano-americanos, sendo o século das luzes considerado um período de abismo entre o esplendor barroco e o romantismo liberal. Para a pesquisadora norte-americana, o interesse – e a necessidade – de revitalizar o século XVIII hispano-americano passa por compreender um projeto discursivo formulado pela Coroa Bourbônica para repensar sua relação com os territórios imperiais na América. Seu conceito de domesticação, que dá título ao livro, pode ser entendido em duas acepções. A primeira

delas, tornar doméstico o território, o que significa a emergência daquilo que David Brading (2015) havia chamado de “patriotismo crioulo”. Ainda com Stolley,

Enquanto autores anteriores na América espanhola se dirigiam em grande parte a um leitor peninsular metropolitano ao descrever suas experiências no Novo Mundo, no século XVIII, os autores do século se concentraram em um público mais local e em uma abordagem pragmática de uma América que cada vez mais consideravam sua (independentemente de onde nasceram). Sua escrita reflete o grau em que o *locus* de identidade e autodefinição mudou. (2013, p. 03)

No entanto, o conceito de domesticação também implica “domar” e isso se dá pelo vínculo estrito com as ideias ilustradas europeias. Revendo a história da conquista, a ênfase ilustrada estará no comércio em vez da guerra, e na observação científica da natureza em vez do exotismo e da exceção, uma vez que a natureza americana é incorporada às grandes taxonomias botânicas, ainda que inferiorizada em muitos casos (Gerbi, 1960). Também emerge o interesse na evolução dos centros urbanos – dois vice-reinados surgem no século XVIII: da Nova Granada, em 1717, e do Prata, em 1776 – e uma consciência política que busca uma economia transatlântica e formas de autonomia¹ para as elites criollas, eclipsadas pela primazia dos peninsulares na administração do continente.

A entrada do ideário ilustrado para discutir temas da conquista se delinea de modo eloquente em uma obra central da Ilustração

¹ O conceito de autonomia é central para compreender a dinâmica do período. Alfredo Jocelyn Holt observa que, antes de 1808, as aspirações das elites *criollas* eram por gozar de autonomia administrativa frente à metrópole e não visavam diretamente a independência política. Nesse mesmo sentido, Márcia Regina Berbel (2008) observa que, na participação dos deputados hispano-americanos nas Cortes de Cádiz a principal demanda era por autonomia. Segundo a autora, é no embate entre o desejo centralizador de Espanha e o desejo por autonomia das colônias que o projeto independentista vai despontando e ganhando corpo.

Bourbônica, o *Lazarillo de ciegos caminantes*, de 1776. Escrita pelo espanhol Alonso Carrió de la Vandra, a obra forja um narrador indígena, Concolorcorvo, responsável por guiar o visitador espanhol em uma viagem entre Buenos Aires e Lima. Trata-se de uma camada ficcional atribuída ao relato de uma viagem real, demanda da Coroa a Carrió de la Vandra como parte de um diagnóstico sobre a situação dos correios na região. Neste diálogo forjado entre as duas personagens, o tema da conquista aparece em novos termos.

En tiempo de monarcas y caciques estaban de peor condición los indios, porque aquellos príncipes y señores los tenían reducidos a una servidumbre de mucha fatiga, porque labraban las tierras para su escaso alimento a fuerza de sus brazos, y no conocían otras carnes que las de las llamas, vicuñas y alpacas, de cuya lana tejían su vestido. Los españoles solo quitaron a esos miserables, o al menos disminuyeron sus abominaciones, e introdujeron el útil uso del vacuno, caballo y mular, de las ovejas, herramientas para la labor de los campos y minas, con redes y anzuelos para aprovecharse de la producción y regalo de los ríos y playas del mar, con otra infinidad de artificios e instrumentos para trabajar con menos molestia. (Carrió de la Vandra, 1985, p. 163)

Diz o visitador, contando com a evidente aprovação de seu interlocutor indígena que completa:

los españoles de este siglo y de todos los siglos, no tuvieron, ni creo que tendrán que robar a los indios, y no pensando éstos, por lo general, más que en su ocio y borracheras, a que se siguen otras brutalidades, afirmo que mis paisanos no

son robados, sino robadores de los españoles. (Carrió de la Vandra, 1985, p. 163)

Chama atenção na passagem a lateralidade do tema da conquista espiritual e a preponderância de um argumento tecnicista, renovado pela literatura da ilustração, destacando as técnicas de cultivo trazidas pela colonização que permitiram um trabalho menos desgastante. A colonização, portanto, inscreveria os indígenas num processo teleológico que marca a saída de um período de trevas. Trevas estas que passam ainda pela recusa às “abominações”, referência aos cultos pré-hispânicos, e que se agudizavam com o atraso tecnológico. Repensada no bojo do ideário das luzes, a colonização é, assim, revestida de um sentido evolutivo, instaurando uma nova e positiva concepção do presente concreto.

Nesse sentido, iluminismo e revolução não apenas deixam de ter conexões evidentes, como passam a antagonizar-se. No século XVIII hispânico, as ideias ilustradas, especialmente cultivadas por Carlos III durante seu reinado (1759-1788), estavam na base de uma série de reformas das estruturas imperiais que, como bem caracterizou David Brading, foram “o canto do cisne do esplendor imperial” (2003, p. 46). Para Alfredo Cordiviola, também leitor do setecentos hispânico, isso se deve ao fato de que as ideias iluministas não se podem ser entendidas num discurso monolítico:

afinal, iluminista pode ser a decisão da coroa de aumentar os impostos com o objetivo de racionalizar a administração do governo, iluminista é a utilização da ciência por parte das elites nativas para impor a dominação de populações subalternas, iluminista também pode ser a vocação emancipadora daqueles que contestam a hegemonia imperial. (Cordiviola, 2010, p. 19)

A nova tentação seria considerar que, com o início do processo das independências, a ilustração tomaria enfim seu caminho revolucionário e refratário à retórica da domesticação. No entanto, para além do valor anticolonial que os liberais trataram de auto imputar-se, as ideias ilustradas no período exigem mais mediações. O historiador chileno Alfredo Jocelyn-Holt observa que as independências alteraram substancialmente o modo como as elites *criollas* se viam na ordem estabelecida: se antes bastava cooptar as instâncias da coroa para garantir seus privilégios, agora “no basta con ejercer el poder social y político, no basta con administrarlo, ahora es menester explicarlo y justificarlo” (2014, p. 75-76). No que o autor chama de passagem da ilustração bourbônica à ilustração republicana, mais do que imaginar um futuro para o estado, tratava-se de “revestir de legitimidad republicana *ex post facto* a un orden que estaba —las más de las veces— ya operando en la práctica” (Jocelyn-Holt, 2014, p. 114). As ideias ilustradas passariam a ser reclamadas para pensar os novos estados e assentar as bases ideológicas das revoluções em curso, tratava-se de construir sua legitimidade para conduzir o processo de emancipação ainda que tivessem se beneficiado do vínculo colonial.

Com o rei Fernando VII preso por Napoleão, em 1808, e a formação das Juntas de governo, a partir de 1810, a experiência de autogoverno vai dando lugar aos processos de independência e, recorrendo às ideias ilustradas, tratam de fundar linguagens políticas capazes de descontinuar a imagem dos espanhóis da sua, ainda que o vínculo étnico a reafirmasse. Trata-se, portanto, da busca por legitimidade. A retórica da ilustração republicana é, em grande medida, também baseada num esforço de domesticação, na

busca de elaborações que impedissem a sublevação das massas indígenas, negras e mestiças e que homogeneizassem os “americanos”, supostamente deixando no passado a divisão em castas. No entanto, como verifica Mary Louise Pratt, “Política e ideologicamente, el proyecto liberal criollo implicaba la fundación de una sociedad y una cultura americanas descolonizadas e independientes, manteniendo al mismo tiempo los valores europeos y la supremacía blanca” (2010, p. 322).

A divulgação do ideário político ilustrado e republicano encontrou no teatro a tribuna ideal para propagar seus valores e execrar o sanguinário domínio espanhol. O padre criollo Camilo Henríquez, prócer da independência chilena, foi um dos ilustrados que viu nos palcos uma forma de fazer com que “a árida filosofia” das luzes chegasse ao vulgo por meio da musa dramática. Nascido na região que hoje corresponde ao Chile, Henríquez fundou o primeiro jornal do país, *La Aurora de Chile*, em 1812. Viveu em diversas cidades dos vastos domínios espanhóis: Lima, Quito, e Buenos Aires, onde esteve exilado quando os espanhóis retomaram o controle do Chile entre 1814 e 1817. Quando os patriotas vencem o exército realista, Henríquez retorna a Santiago convidado pelo libertador Bernardo O’Higgins em 1822 com honras de herói, recebendo o cargo de bibliotecário da Biblioteca Nacional que ele mesmo havia fundado antes de partir para o exílio.

É em agradecimento à calorosa recepção que Henríquez compõe uma *loa* em homenagem a O’Higgins intitulada “La amistad y el agradecimiento”. Ela vai endereçada ao libertador, apresentado como “*Supremo director de Chile, defensor glorioso de su libertad política, fundador de su libertad civil,*

padre del Pueblo, protector jeneroso de la Bella Literatura, de las ciencias y las artes”.

Cuando visteis, señor, la luz primera,
para la dicha i gloria de la patria,
la tumba de Lautaro conmovióse,
dando señal de fuego i de esperanzas.

Naturaleza que del crudo invierno
sufría la tristeza i dura saña
sonrióse festiva, i del sol blando
se preparó a gozar la dulce llama.

Elevóse de Arauco el fuerte jenio
del túmulo inviolable en que aguardaba
a un héroe que vengase sus insultos,
llenando al universo de su fama:

Que, triunfante i feliz en las llanuras
aun lo fuese en las cumbres peruanas,
glorioso i formidable por la tierra,
temido i respetado por las aguas:

Que, ligando a su carro la victoria,
i humillando a sus pies el león de España,
le estendiese la mano jenerosa,
firmando en fin la fraternal alianza:

Que, en medio de su marcha prodijiosa,
supiese detener la veloz planta,
i escuchando suspiros i sollozos,
con una sola lei enjugar lágrimas;

Aspirando a otro jenero de gloria
mas apacible, dulce i delicada,
cual es el conquistar los corazones,
¡empresa digna de las grandes almas!

Por último que, uniendo los olivos

al eterno laurel de sus guirnaldas,
el asombro se hiciese de su siglo,
la libertad civil dando a su patria.

¡Jenio de Arauco! O'Higgins es el héroe.
O'Higgins viva, triúñfe aun de la parca.
Los ecos de los Andes lo repitan,
i resuene en la trompa de la fama. (Henríquez
apud Amunátegui, 1889, 92-93)

No texto, é possível entrever o recurso ao proforma colonial, que em sua ritualística vincula a festa – e o teatro aí incluído – à representação do poder, utilizando inclusive a forma da *loa* que escancara o intento de tomar as mesmas instâncias que sacralizavam o rei espanhol para colocar, em seu lugar, os patriotas criollos. Largamente utilizadas no período colonial, as *loas* eram formas breves que antecediam as peças, quase sempre louvando – daí seu título – a autoridade de quem a representação ia dedicada. Como observou Verónica Grossi lendo as *loas* de Sor Juana: “Las loas (...) como otras piezas dramáticas de la época, establecen un diálogo crítico con la retórica teatral institucional” (1997, p. 123). Lançando mão das metáforas luminosas, a *loa* do padre chileno termina por realocar O'Higgins e a liderança criolla em um duplo lugar de legitimidade: no lugar do rei, a

quem antes se dirigiam as *loas*, e na esteira da resistência nativa à colonização.

Assim, o texto recupera o legado de Lautaro, eternizado como protagonista na épica quinhentista *La Araucana* do espanhol Alonso de Ercilla, que cantou a resistência dos indígenas mapuches às tropas do colonizador Pedro de Valdivia. Deste modo, Henríquez inscreve a insurgência *criolla* numa história de resistências indígenas, como legatários e descendentes daqueles que não se curvaram ao domínio espanhol.

A retórica da ilustração republicana estabelece uma genealogia cujo fim é o “americano”, categoria ambígua e contraditória, que justamente por essas características permitia unir criollos e indígenas como filhos da terra em contraponto ao espanhol sanguíneo². A ritualística do poder, obedecendo aos cânones coloniais, termina por estabilizar uma visão da história que apaga o caráter étnico que afasta o criollo do indígena e o aproxima ao espanhol. Nesse sentido, o “americanismo” da independência é uma estratégia retórica para borrar o lugar de privilégio que essas elites ocuparam no seio da colônia.

Outro aspecto que particulariza a *loa* de Henríquez é o apelo sentimental: O'Higgins é notável pela força, mas também pela “Glória Dulce y delicada” que é a de “conquistar

² A este respeito, o historiador John Lynch identifica o surgimento de uma incipiente consciência nacional ainda no século XVIII, no contexto do acirramento dos conflitos entre americanos e peninsulares causado pelas reformas Bourbonicas, que serviram para reforçar a consciência da alteridade das colônias. Segundo Lynch, os escritores *criollos* no último quarto dos setecentos “expresaban y nutrían un nuevo despertar de patria y un mayor sentido de exclusivismo, porque tal como señaló el *Mercurio Peruano*: «Más nos interesa el saber lo que pasa en nuestra nación».” (1991, p. 33). Nos referimos a este patriotismo “americanista”, como o denomina Lynch, que antecede o estabelecimento dos estados nacionais e, por consequência, a valorização do *ethos* nacional. Nesse sentido, Como verificam José Emilio Burucua e Fabián Alejandro Campagne, a ideia do que era nacional entre 1810 e 1830 modulava entre elaborações diversas, podendo “aludir a contenidos diferentes: confundirse con la noción de ‘americano’, perfilarse ya como un sentimiento de dependencia respecto de los estados que esbozaban sus primeras constituciones, o bien ceñirse a la idea de una comunidad más pequeña, mejor reconocible por parte de los nuevos ‘ciudadanos’, que era precisamente la vieja ciudad y su hinterland, la provincia o el departamento”. (2003, p. 435)

corazones”. A retórica sentimental que aqui aparece é constante na produção republicana e devedora das ideias ilustradas setecentistas. Como verifica María Jesús García Garrosa (1990, p. 7), “El hombre del siglo XVIII no oculta sus emociones, reacciona espontáneamente ante ellas y las traduce en gestos, en palabras, en lágrimas (...) la literatura deberá encargarse de dar testimonio de esta capacidad de sentir del hombre dieciochesco”. Não à toa, a comédia lacrimosa foi o gênero mais exitoso não apenas nas carteleras europeias, mas também em Buenos Aires e em Santiago entre as décadas de 1810 e 1820. O interesse pelas lágrimas dá testemunho do novo homem que *sente* a pátria e, por isso, luta por ela. Portanto, Razão e Sensibilidade não se cindem na época da ilustração, nutrindo-se mutuamente, como verifica Ricardo Marques de Azevedo (2015, p. 31):

Luzindo uma estima obstinada pela raciocinação, no século XVIII se ilustra e alaba, observada sua especificidade, a autarquia da Razão, mas nunca se descarta a insubstituível valência da emoção – a mobilização das paixões – e se almeja, com afinco, o profícuo consórcio de Entendimento e Sentimento (...) o XVIII não é, como se propala, apenas o século da Razão, mas também o da Comoção.

Assim, é compreensível que na *loa* de Henríquez o vocabulário belicoso vai dando lugar ao sentimental. Trata-se também de um trunfo *criollo*: se antes as castas ditavam o lugar que cada um ocuparia na rígida estrutura colonial, agora é o sentimento que determina a pertença à pátria. Este tema é abordado na obra de Camilo Henríquez em uma peça teatral intitulada *Camila o la patriota de Sudamérica* (Autor, 2021). Esta operação, longe de sugerir um gesto alheio aos esforços do período, funda-se na concepção ilustrada da política.

Ao analisar o período e pensar a “patogênese” do mundo burguês, Reinhart Koselleck observa que no pacto proposto pelo absolutismo a moral, enquanto fórum privado, estaria fora da equação. Para a estabilidade do Estado, como propôs Hobbes, as consciências privadas deveriam estar “destituídas de sua repercussão política” (1999, p. 31). Nesse panorama, o iluminismo irá, política e progressivamente, alargando a premência da moral, do fórum interior. Assim, a centralidade desta categoria, já entrevista em Locke e ampliada por filósofos como Denis Diderot, assume o lugar de determinar a “marca de valor”, ainda que em segredo, das ações que antes eram conferidas apenas ao soberano. Ao dar “investidura política ao foro interior da consciência humana” (1999, p. 53) o processo da ilustração instauraria uma crise que não apenas derrubou o Antigo Regime, mas que, segundo Koselleck, se projeta para a atual história europeia.

Não surpreende, portanto, que as representações artísticas passem a enfatizar os ambientes privados, domésticos, concebendo o valor das personagens representadas pela régua da moral. Produto estético dessa consciência política são as ideias de Denis Diderot sobre o drama burguês (Diderot, 2005; Szondi, 2004) ou a ascensão do romance (Watt, 2010). Ao abraçar o ideário burguês, os *criollos* hispano-americanos buscaram, pelo menos na retórica, fundar simbolicamente os Estados Nacionais utilizando os critérios da moral, abandonando discursivamente as velhas taxonomias coloniais em que as raças determinavam a pertença e a mobilidade social (Catelli, 2020).

Por fim, interessa marcar como de fato há uma mudança no teor do discurso ilustrado com a independência: se destacando a história natural na fase Bourbônica, dentro dos

esforços da coroa de redimensionar o vasto território colonial, e a teoria política e a estética na fase Republicana, construindo uma nova simbologia para os estados nacionais que emergiam. No entanto, o que desponta nos dois períodos é, no interior do discurso das luzes, um sentido de domesticação: domesticar os súditos do ultramar, mas também domesticar as massas no período do pós-independência. As elites *criollas*, autonomistas no século XVIII e independentistas no século XIX, têm papel de destaque nessa passagem, articulando as próprias aspirações de poder à filosofia da ilustração, em sua imensa variedade de interesses, formulações e apropriações.

Referências

- AMUNÁTEGUI, Miguel Luis. **Camilo Henríquez**. Santiago: Imprenta Nacional, 1889.
- AUTOR, 2021.
- BERBEL, Marcia regina. Cortes de Cádiz: entre a unidade da Nação Espanhola e as Independências americanas. In: **Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas**. Volume 2: Nova Espanha. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- BRADING, David. La monarquía católica. In: ANNINO, Antonio & GUERRA, François- Xavier (Org). **Inventando la nación**. Iberoamérica. Siglo XIX. México DF: Fondo de cultura económica, 2003.
- BRADING, David. **La Nueva España. Patria y religión**. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2005.
- BURUCUA, José Emilio & CAMPAGNE, Fabián Alejandro. Mitos y simbologías nacionales en los países del cono sur. In: ANNINO, Antonio & GUERRA, François-Xavier (Org). **Inventando la nación**. Iberoamérica. Siglo XIX. México DF: Fondo de cultura económica, 2003, p. 433-474.
- CARRIÓ DE LA VANDERA, Alonso. **El lazarillo de ciegos caminantes**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985.
- CATELLI, Laura. **Arqueología del mestizaje**. Colonialismo y racialización. Temuco: Ediciones Universidad La Frontera, 2020.
- CHARTIER, Roger. **Origens culturais da Revolução Francesa**. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- CORDIVIOLA, Alfonso. **O império dos antagonismos**. Escrita e imagem no ocaso da dominação espanhola na América. Recife: PPGL – UFPE, 2010.
- DARNTON, Robert. **Os best-sellers proibidos na França pré-revolucionária**. Tradução de Hildegard Fiest. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- DIDEROT, Denis. **Discurso sobre a poesia dramática**. São Paulo: Cosac & Naif, 2005.
- FLORES GALINDO, Enrique. **Buscando un Inca**. Identidad y utopía en los Andes. Lima: Editorial Horizonte, 1994.
- GARCÍA GARROSA, María Jesús. **La retórica de las lágrimas**. Valladolid: Universidad de Valladolid, 1990.
- GERBI, Antonello. **La disputa del Nuevo Mundo**. Historia de una polémica 1750-1900. Tradução de Antonio Alatorre. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960.
- GROSSI, Verónica. La loa para el auto sacramental El divino Narciso de Sor Juana Inés de la Cruz frente al canon del auto oficial. **Monographic Review**, Vol. 13, 1997, 122-138.
- JOCELYN-HOLT, Alfredo. **El peso de la noche**. Santiago de Chile: Ariel, 2014.
- KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e Crise**. Uma contribuição à patogênese do mundo burguês. Tradução: Luciana Villas-Boas Castelo-Branco. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.
- LYNCH, John. “Los orígenes de la independencia hispanoamericana”. In: BETHELL, Leslie. **História**

de América Latina. Vol. 5. Barcelona: Editorial Crítica, 1991.

MARQUES DE AZEVEDO, Ricardo. **Antigos modernos**. Estudo das doutrinas arquitetônicas nos séculos XVII e XVIII. São Paulo: FAUUSP, 2015.

MORENO, Mariano. Prólogo à reedição de O contrato social, de Jean-Jacques Rousseau. In: PAMPLONA, Marcos & MADER, Maria Elisa.

Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas. Volume 1: Região do Prata e Chile. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

PRATT, Mary Louise. **Ojos imperiales**. Literatura de viajes y transculturación. trad. de Ofelia Castillo. México DF: Fondo de Cultura Económica, 2010.

ROBLES, José Francisco. Narración e invención de Concolorcorvo en El lazarillo de ciegos caminantes de Alonso Carrió de la Vandra. Lima-Hanover, **Revista de Crítica Literária Latinoamericana**, n. 67, 2008, pp. 85-93.

STOLLEY, Karen. **Domesticating Empire: enlightenment in Spanish America**. Nashville: Vanderbilt University Press, 2013.

SZONDI, Peter. **Teoria do drama burguês, século XVIII**. Tradução: Luiz Sérgio Repa. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das letras, 2010.